

mesmo que de forma precária: fronteiras, qualificações, disciplinarizações,² designações "da área", jargões e forjamento de instituições, marcando um território com sentido de tornar suas produções um pouco mais duráveis, até tornar o grupo inquestionável.

A circulação para aprovação desse projeto será tema da terceira parte desse estudo, no qual as ressonâncias de uma possível regulamentação dessa profissão gerarão as controvérsias as mais variadas, desde o inflamado debate sobre a importância das regulamentações a questões como reserva de mercado, importante no debate sobre a oficialização de profissões.

A derradeira parte de nossa empreitada fará um balanço dessa incursão, e como não poderia de deixar de ser, buscaremos tecer breve análise da rede do veto, tirando proveito da (tênue) estabilidade no coletivo. Mais descrições, prognósticos, previsões, sugestões, enfim, muitas incertezas, mas com um tecido visível já produzido, com alguns desfazimentos e refazimentos, rastros da rede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LATOUR, Bruno. *A Esperança de Pandora: Ensaio Sobre a Realidade dos Estudos Científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. *Ciência em Ação: Como Seguir Cientistas e Engenheiros Sociedade Afora*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Reassembling The Social*. Oxford, NY: Oxford University Press, 2005.

Lista Pública de Musicoterapia Musicoterapia_br. Disponível em http://yahoo.com/group/musicoterapia_br/. Último acesso em 7 de dezembro de 2008.

PORTAL DA UBAM. Quem Somos. Rio de Janeiro: [s.n.], 1998. Disponível em: <http://www.ubam.mus.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=5&Itemid=31>. Acesso em: 01 jul. 2007.

_____. Definição de Musicoterapia. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005a. Disponível em: <http://www.ubam.mus.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=30>. Acesso em: 01 jul. 2007.

_____. Regulamentação. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005b. Disponível em: <http://www.ubam.mus.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=163&Itemid=2>. Acesso em: 25 out. 2007.

² Ver Foucault.

90- Musicoterapia para crianças e jovens cegos ou com baixa visão. Maria Terezinha Chociai/PR¹, Liliam Ansay Silvia/PR² e Noemi Nascimento Ansay/PR³

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir os desafios e possibilidades da Musicoterapia no atendimento de crianças e jovens cegos ou com baixa visão. A pessoa cega ou com baixa visão mostra especificidades em sua relação com o mundo, uma identidade construída a partir de representações auditivas e táteis. Partindo desta concepção busca-se analisar de que forma as interações e intervenções musicais acontecem no contexto terapêutico com pessoas cegas ou com baixa visão e sua relação na construção desta identidade. Este estudo foi realizado em uma instituição de ensino especial de cegos na cidade Curitiba no ano de 2008. Como referenciais teóricos utilizaremos os estudos de Barcellos (1992), Rudd (1998) e Bruscia (2000). O presente trabalho traz contribuições da importância da musicoterapia no atendimento da pessoa cega e com baixa visão, evidenciando formas de interação e intervenção terapêutica eficazes na construção uma identidade sonoro-musical que leve em conta a alteridade destes sujeitos no início do XXI.

Palavras chaves: musicoterapia, interações e intervenções musicoterápicas, pessoas cegas e com baixa visão.

Abstract

Music Therapy for blind infants and youths or with low vision.

The present article has for objective to discuss the challenges and the possibilities of the Music Therapy to attend blind infants and youths or with low vision. The blind person or with low vision shows specificities in his relation with the world, an identity built from tactile and auditive representations. Starting from this conception seeking to analyze the forms of interactions and interventions that the musical happens in the therapeutic context with blind people or with low vision and its relation in the construction of their identities. This study was carried out in an institution of special education for blind people in the city of Curitiba in the year of 2008. As theoretical background we will utilize the studies of Barcellos (1992), Rudd (1998) and Bruscia (2000). The present work brings contributions of the importance of the Music Therapy to attend the blind person and with low vision, showing up forms of interaction and efficient therapeutic intervention in the construction of an identity sonorous-musical that takes in account the differences of these people in the beginning of the XXI.

Keywords: Music Therapy, interactions and interventions music therapists, blind people and with low vision.

¹ Aluna do 4º ano de musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná, professora de música, deficiente visual.

² Aluna do 4º ano de musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná.

³ Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná (1992). Especializada em Psicopedagogia pela Universidade Tuiuti do Paraná (2004). Mestranda da UFPR (2007). Atualmente trabalha na Clínica Dinâmica como Musicoterapeuta e Psicopedagoga. É professora auxiliar da Faculdade de Artes do Paraná - FAP. Coordenadora de Estágio do Curso de Musicoterapia da FAP. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em inclusão escolar de pessoas com necessidades especiais e em Musicoterapia na área educacional. E-mail: noemiansay@gmail.com - Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>

"Ei, dor!
Eu não te escuto mais
Você não me leva a nada
Ei, medo!
Eu não te escuto mais
Você não me leva a nada..."

E se quiser saber
Pra onde eu vou
Pra onde tenha Sol
É pra lá que eu vou."
Antônio Júlio Nastácia / Jota Quest

1. Introdução

Muitos mitos e inverdades estão relacionados às pessoas cegas ou com baixa visão,⁴ o desconhecimento é grande por grande parte da população. Muitos encaram a cegueira como sendo uma condição limitadora, ou mesmo incapacitadora. A cegueira é vista sob a ótica da dor e do medo. Longe de ser limitada por sua condição, a pessoa cega ou com baixa visão não deve ser vista como "uma pessoa digna de pena", "uma pessoa desafortunada", mas sim como um ser humano, pleno e cheio de possibilidades, assim como aqueles denominados "videntes".

Encontramos na literatura especializada poucos trabalhos relacionados ao uso da Musicoterapia no atendimento de crianças e jovens cegos ou com baixa visão. Em pesquisa feita nos Anais do XII Congresso Mundial de Musicoterapia, 2008, em Buenos Aires, encontramos apenas um estudo de Oliveira (2008) "*Music Therapy and Pre-Linguistic Communication Deafblind*"⁵, que trata sobre o mundo da criança surdocega e as possibilidades da musicoterapia para atendê-las. Além deste estudo, pesquisando no banco de dados de teses e dissertações da Cappes encontramos um único trabalho de Vieira (1998): "Um estudo sobre musicoterapia através da apresentação de um processo terapêutico", que apresenta um estudo de caso de uma criança com um quadro de microcefalia, atraso no desenvolvimento neuropsicomotor e visão subnormal. Como se observa ainda há muito por ser registrado e pesquisado neste campo do conhecimento.

O objetivo deste trabalho é trazer as possibilidades e desafios encontrados no atendimento de pessoas cegas e com baixa visão na musicoterapia, evidenciando formas de interação e intervenção musicoterapêuticas que auxiliem na construção da identidade destes sujeitos.

⁴Segundo dados do IBGE do Censo 2000, entre 16,6 milhões de pessoas com algum grau de deficiência visual, quase 150 mil se declararam cegos. No Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004 no art 5º § 1º b) Deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores;

⁵"Musicoterapia e a Comunicação Pré-Linguística, de pessoas surdocegas."

1. Desenvolvimento

Segundo Ruud (1998)⁶ a música exerce um papel fundamental na construção da identidade do sujeito e está presente do seu nascimento até a sua morte. Segundo ele a relação entre identidade e o campo da musicoterapia é importante, pois aborda questões relacionadas à consciência de nossa identidade musical, aumentando a sensibilidade relacionada à nossa história pessoal e nossa formação cultural. Também nos fala da importância desta identidade musical para o musicoterapeuta. Ruud (1998) afirma:

O conhecimento sobre como a música auxilia a construir um auto-conceito individual, pode nos ajudar a escolher a música certa para nossos clientes – a música própria para fortalecer as pessoas dentro de seu próprio contexto cultural. Devido a situações significativas e pessoas estarem muitas vezes embutidas em experiências musicais, ao usar a música para criar lembranças sobre eventos significativos isto pode intensificar o potencial para o trabalho terapêutico em uma sessão de musicoterapia. Eu argumento sobre isto porque a música está relacionada à construção da identidade, isto pode contribuir para a qualidade de vida. Assim, nós podemos argumentar que a música está relacionada a questões mais amplas de saúde na sociedade. (RUUD, 1998, p. 14)

No caso de musicoterapeutas que trabalham com pessoas cegas ou com baixa visão, Leining (2008) propõe alguns objetivos para atender esta clientela: desenvolver a acuidade auditiva, desenvolver a segurança física, aprender música através do Braille,⁷ favorecer o aprendizado de um instrumento musical, relaxamento corporal, trabalho grupal, satisfazer necessidades emocionais, intelectuais, sociais, projetar a personalidade através da identificação com a música.

Os benefícios da Musicoterapia para esta clientela são incontestáveis e de grande valor. Atuando junto a esta clientela é possível constatar e relacionar as principais formas de interação e intervenção utilizadas e de que forma isto colabora na construção da identidade destes sujeitos.

Antes de relacionar as principais formas de interação e intervenção gostaríamos de diferenciar e definir estes termos:

Interação é uma influência recíproca, ação recíproca entre duas ou mais coisas ou pessoas; trabalho compartilhado em que os participantes fazem trocas entre si ou se influenciam; intercomunicação entre pessoas que convivem entre si; diálogo contato. (LAUROSSE, 2007, p.572)

Esta definição corrobora com a afirmação de Barcellos (1994, p. 10) que afirma "os momentos de interação em musicoterapia são aqueles em que musicoterapeuta e paciente se "encontram" ou "dialogam" musicalmente."

⁶ Tradução: Eliane Newmeister. Texto do Livro: "Music Therapy: Improvisation, Communication and Culture", Even Ruud, Barcelona, Publishers, Julho 1998.

⁷ Segundo Tomé (2003). A primeira notação de Musicografia foi realizada por Louis Braille, no entanto, os códigos musicográficos passaram por constantes revisões para uma unificação, até chegar ao último manual de 1996.

[...] utilizando-se a riqueza da música, pode-se interagir com um paciente desde as maneiras mais simples até as mais complexas, através dos sons vocais, corporais, da utilização de instrumentos e letras, e assim contribuir para a modificação de situações, bem como possibilitar o desenvolvimento do seu mundo. (BARCELLOS 1994, p.11)

Já intervenção significa a "ação de intervir, interferência; ingerência de uma pessoa ou instituição em negócios de outrem; Em debate ou discussão emitir opinião." (LAUROSSE, 2007, p.575)

Existem muitas formas de intervenção terapêutica, no entanto, nos deteremos neste trabalho àquelas relacionadas às intervenções musicais, que acontecem nas sessões de musicoterapia, elas são, segundo Barcellos (1994): intervenções rítmicas, melódicas, harmônicas, paraverbais,⁸ corporais e outras.

Sabemos que muitas vezes interação e intervenção estão imbricadas, pois em momentos de interação o musicoterapeuta pode estar intervindo e vice-versa. No entanto, para fins didáticos, elencaremos através de exemplos vividos nos estágios supervisionados, formas de interação e intervenção musicoterapêuticas.

O trabalho de musicoterapia desenvolvido na Escola Especial de Cegos durante o ano de 2008 na cidade de Curitiba está inserido dentro do que Bruschia (2000) chama de Práticas Didáticas. Para este autor "as Práticas Didáticas são aquelas cujo foco é ajudar os clientes a adquirir os conhecimentos, comportamentos e habilidades necessários para uma vida funcional e independente para adaptação social." (BRUSCHIA, 2000, p.183)

A clientela que participou dos atendimentos musicoterápicos, era formada por alunos cegos e com baixa visão. O número de alunos atendidos foi de 14 indivíduos, com idades variando de 7 a 40 anos. As sessões de musicoterapia aconteciam dentro do espaço escolar e cada atendimento durava 45 minutos.

Percebemos que as formas de interação aconteciam quando havia um encontro um diálogo musical, estas interações sempre estavam presentes nos atendimentos, o que foi fundamental para a construção do vínculo terapêutico.

Quanto às intervenções, estas foram diversas e aconteceram ao longo de todo processo musicoterápico. Utilizaremos o trabalho de Barcellos (1994) para definir os diferentes tipos de intervenção e exemplos de atendimentos dos estágios de musicoterapia.

As intervenções rítmicas são aquelas que possibilitam modificações corporais, e podem ser utilizadas para diminuir a hiperatividade, canalizar a agressividade, provocar catarses ou mudar estados de humor.

⁸ Segundo Barcellos (1994) as intervenções paraverbais, são aquelas que não são feitas através do verbal, mas sim daquilo que acompanha o verbal, como a emissão, tom, inflexões rítmicas sonoras da fala ou do canto.

Como exemplo, citamos o aluno/paciente R, sete anos, com baixa-visão, que no início dos atendimentos tocava os instrumentos sempre em ritmo acelerado, seu comportamento da mesma forma mostrava hiperatividade e agitação, ao final do processo a estagiária percebeu uma mudança no aspecto rítmico. R. conseguiu diminuir a seu ritmo acelerado, passando a tocar dentro de uma estrutura rítmica mais ordenada, seu comportamento também apresentou mudanças como por exemplo uma maior concentração nas tarefas.

Quanto às intervenções melódicas são aquelas feitas para esclarecer trechos musicais que emergem, possibilitando que a pessoa possa expressar suas tentativas, desta forma acontece uma "clarificação" da melodia, segundo nos diz Barcellos (1994).

Para exemplificar este tipo de intervenção utilizaremos o exemplo de um trabalho feito com um grupo de cinco jovens e adultos, quatro deles com cegueira total e um com baixa visão. A estagiária T. partindo da escolha de um tema feito pelo grupo, que foi "Vida", fez intervenções melódicas e verbais. O grupo construiu a letra da música e em seguida a melodia, a estagiária de musicoterapia ficou ao teclado fazendo intervenções melódicas, "clarificando" desta forma a melodia. Outro fato interessante neste processo foi a decisão do grupo que a melodia deveria ser tocada em diferentes estilos: valsa, xote, balada lenta e pagode de acordo com as preferências pessoais.

As intervenções harmônicas são descritas por Barcellos (1994) como aquelas que são feitas através da harmonia. Estas são realizadas com menos frequência, pois exigem uma noção harmônica por parte dos participantes. No entanto, observamos que no exemplo citado anteriormente, que um dos alunos do grupo, S., 26 anos, começou a tocar o teclado, tocando dentro de um campo harmônico de tonalidades, adequando-se aos estilos musicais que foram solicitados.

As intervenções paraverbais, são aquelas feitas através dos aspectos não verbais da fala ou do canto (aspectos relacionados à intensidade da voz, o tom, as inflexões, o timbre da voz). Um exemplo deste tipo de intervenção foi com a aluna/paciente F. 16 anos, com baixa visão e atraso neuropsicomotor, ela também participava dos atendimentos feitos em grupo, no início do processo musicoterápico, F. cantava e falava em uma intensidade muito fraca, demonstrando muita timidez em grupo, com as intervenções feitas pela estagiária T. a aluna/paciente foi-se permitindo falar e cantar em uma intensidade maior, expressando seu repertório e participando mais efetivamente do grupo.

As intervenções corporais acontecem quando o musicoterapeuta utiliza gestos, postura e olhares para fazer intervenções. No caso do trabalho com jovens e adultos cegos e com baixa visão, este tipo de intervenção é primordial, ainda que o sentido da visão esteja comprometido, há outras formas de "olhar" e expressar-se. Percebemos que grande parte deste grupo apresenta uma rigidez física, falta de expressão facial e alguns têm estereotípias, o musicoterapeuta pode propor intervenções corporais que minimizem as dificuldades citadas acima.

Conclusão

Os desafios e as possibilidades no trabalho com crianças e jovens cegos e com baixa visão, são grandes, exigindo do Musicoterapeuta conhecimentos específicos da área,

interações e intervenções adequadas aos objetivos estabelecidos para este grupo.

Consideramos que a pessoa cega e com baixa visão pode encontrar na Musicoterapia um espaço para lidar com seus medos, com suas dores, suas inseguranças e desta forma ter um crescimento pessoal, adquirindo habilidades e comportamentos, possibilitando uma vida independente e adaptada socialmente.

BIBLIOGRAFIA

- BARCELLOS, L. R. M. Cadernos de Musicoterapia 2. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999
- _____. Cadernos de Musicoterapia 4. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999
- BRUSCIA, KE. Definindo Musicoterapia. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CONGRESO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA, 12, 2008, Buenos Aires. Musica, Cultura, Sonido y Salud: resumos. Buenos Aires: Akadia, 2008.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=438 Acesso no dia 10/03/2009.
- BRASIL. Decreto Lei 5296 de 2 dezembro de 2004 do Governo Federal, estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade . Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/index.php?itemid=43>. Acesso no dia 25/03/2009.
- JOTAQUEST. Até onde vai? São Paulo: Sony BMG, 1 Cd.
- LAROUSSE, P. Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.
- LEINING, C.E. A Música e a Ciência se encontram: um Estudo Integrado entre a Música, a Ciência e a Musicoterapia. Curitiba: Juruá, 2008.
- OLIVEIRA, Q. Music Therapy and Pre-Linguistic Communication Deafblind. In: CONGRESO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA, 12, 2008, Buenos Aires, Musica, Cultura, Sonido y Salud: Resumos. Buenos Aires: Akadia, 2008.
- RUUD, E. Music Therapy: Improvisation, Communication and Culture. Barcelona Publishers, 1998.
- TOMÉ, D. Musicografia Braille. São Paulo: Global, 2003.
- VIEIRA, A. L. Um estudo sobre Musicoterapia através da apresentação de um Processo Terapêutico, 134 p. Dissertação de Mestrado. Fonoaudiologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

91- A Capoeira como um facilitador musicoterápico no tratamento com crianças especiais. Maria Augusta do Val Mazzini Brancaccio/SP.¹

RESUMO

Neste trabalho a autora faz um estudo teórico dos elementos musicais e corporais da Capoeira e sugere que é possível aplicá-los num contexto clínico, a fim de obter ganhos para a criança especial tais como: formação do esquema corporal, estimulação da fala, iniciativa, socialização e inclusão, auto-estima e independência, ganhos físicos e fisiológicos. Como embasamento teórico a autora apóia-se no modelo Musicoterápico do Dr. Rolando Benenzon, destacando seus conceitos: objeto intermediário, objeto integrador, espaço vincular, distância ótima, canais de comunicação, princípio de ISO. Palavras-chave – Musicoterapia. Capoeira. Crianças especiais.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende mostrar como a Capoeira e seus elementos musicais e corporais, numa visão musicoterápica, podem ser usados para ajudar a criança com deficiência a obter ganhos cognitivos, fisiológicos e emocionais levando a melhora da sua qualidade de vida.

A motivação para a escolha do tema deste trabalho veio de um questionamento da autora: quais são os elementos musicais e corporais presentes na capoeira? E ainda, como eles podem ser usados numa situação clínica? A autora procura responder a estas questões através de estudo teórico, analisando elementos musicais e corporais da Capoeira e fazendo um paralelo com alguns dos conceitos extraídos da teoria do Dr. Rolando Benenzon: objeto intermediário, objeto integrador, espaço vincular, distância ótima, canais de comunicação, princípio de ISO.

Como resultado, a autora destaca que a capoeira pode ajudar na formação do esquema corporal, na estimulação da fala, na iniciativa, socialização e inclusão, com ganho físico e fisiológico, auto-estima e independência.

Alguns dos trabalhos pesquisados abordaram o tema nas áreas de educação física*, psicologia corporal**, e deficientes auditivos***.

2 Os elementos corporais da capoeira

“É importante frisar que os movimentos de Capoeira devem ser adaptados para cada público com o qual se está trabalhando” (SILVA E HEINE, 2008). Os autores também salientam a importância de se respeitar o ritmo e as dificuldades de cada um. A criança, principalmente a especial, poderá ter maior dificuldade com equilíbrio, e coordenação, por isso, o importante é que ela experimente, dentro das suas limitações as possibilidades de movimento do seu corpo no espaço, o que deve ser feito de forma

¹ Possui graduação em Licenciatura em Física pela Universidade de São Paulo (1982) e graduação em Musicoterapia pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (2008). Atualmente está realizando estágio no setor de Musicoterapia da AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente). Email: berimbaumgusta@uol.com.br - Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8832648173891314>